

Variação em terminologia: capoeira em Belo Horizonte

Variation in terminology: capoeira in Belo Horizonte

César Nardelli Cambraia *

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Eyder Barbosa de Senna Jeronymo **

Faculdade de Educação de Bom Despacho/ Faculdade Presidente Antônio Carlos de Bom Despacho, Bom Despacho, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Neste estudo-piloto analisou-se a variação na terminologia da capoeira em Belo Horizonte. Foram coletados os termos atribuídos por 10 informantes (5 homens e 5 mulheres, com faixa etária entre 25 e 32 anos, professores de capoeira) a 69 movimentos da capoeira gravados em vídeo. Como resultado obtiveram-se 294 termos diferentes conjuntamente, cujos padrões de variação distribuem-se em 15 tipos. Testou-se hipótese de que os termos figurados tenderiam a ser substituídos por não-figurados, o que foi confirmado pelos dados. Essa tendência seria fruto de uma busca de transparência na terminologia, fazendo com que os termos sejam mais descritivos em relação aos movimentos da capoeira.

Palavras-chave: Lexicologia. Terminologia. Variação linguística. Capoeira.

Abstract: In this pilot study we analyzed the variation in the terminology of capoeira in Belo Horizonte. The terms referring to 69 videotaped movements of capoeira were collected from 10 informants (5 men and 5 women, aged between 25 and 32 years, capoeira teachers). As a result we obtained 294 different terms whose patterns of variation are distributed among 15

* Professor associado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; nardelli@ufmg.br

** Professor da Faculdade de Educação de Bom Despacho – FACEB / Faculdade Presidente Antônio Carlos de Bom Despacho – UNIPAC, Bom Despacho; eydercapoeira@bol.com.br

types. We tested the hypothesis that the figurative terms tend to be replaced by non-figurative ones, and it was confirmed by the collected data. This trend was the result of a search for transparency in terminology, making the terms more descriptive in relation to capoeira's movements.

Keywords: Lexicology. Terminology. Language variation. Capoeira.

1 INTRODUÇÃO

Uma das manifestações culturais mais representativas do Brasil é a capoeira. Sua história, no entanto, ainda apresenta muitas lacunas, uma vez que, durante séculos, foi manifestação de grupos sociais não-hegemônicos, fato que impediu a construção sistemática de registros que atestassem cada uma das fases de seu desenvolvimento. Para pesquisadores que se interessam pelo tema, os materiais escritos disponíveis são essencialmente da segunda metade do séc. XX em diante, condição que evidencia a amplitude da lacuna: como foi efetivamente o processo de formação dessa manifestação cultural cujas origens remontarão provavelmente à chegada dos africanos nas costas no Brasil?

Considerando que o léxico de uma língua é uma fonte extraordinária para conhecimento dos diferentes estágios de transformação da sociedade que a tem como instrumento de comunicação, evidencia-se que, em casos como o da capoeira, uma interessante estratégia para conhecimento do passado é a análise minuciosa de sua terminologia.

No presente estudo, apresenta-se uma análise da terminologia da capoeira em Belo Horizonte (BH) como estratégia para melhor compreender como é o processo de formação da terminologia de manifestações culturais populares e, sobretudo, para contribuir para a reconstrução de sua história.

2 CAPOEIRA: BREVE HISTÓRICO

Segundo Houaiss *et al.* (2001), paralelamente à forma *capoeira* com as acepções “cesto de galinhas” e “escavação utilizada como fortificação”, existe um homônimo, com o sentido de básico de um tipo de mata, cujo primeiro registro dataria 1610¹. A etimologia de capoeira com esta última acepção gerou discussões

¹ Houaiss *et al.* (2001) informam a data de 1577, mas, consultado o documento referido, verifica-se que o registro é datado de 17 de março de 1610: trata-se da *Escritura de Partido que faz Baltazar Borges e sua mulher Prudência Vellozo a Francisco de Pina*, na qual consta, ao fól. 62, o trecho “indo pelo caminho

polêmicas: para José de Alencar, citado por Soares (1880, p. 228), o vocábulo viria do tupi *caá-apuam-era*, significando “ilha do mato cortado”; para Soares (1880, p. 228), seria do guarani *caá-puera*, “mato miúdo”; e para Rohan (1880, p. 391) seria do tupi *coó-puêra*, “roça velha”. Para Nascentes (1955), seria desse homônimo que teria derivado o termo que designa a prática corporal² que é objeto do presente estudo.

A capoeira, entendida como prática corporal, pode ser esportiva (como atividade física de lazer e/ou com o objetivo de obter plenitude da saúde física, mental, social e, para alguns, espiritual) ou desportiva (como atividade competitiva, obedecendo as regras do regulamento oficial da Confederação Brasileira da Capoeira e/ou das federações estaduais).

Uma das questões mais polêmicas em relação à capoeira diz respeito à sua origem: trata-se de uma prática corporal trazida da África ou constituída em terras brasileiras?

As duas grandes personalidades nesse âmbito, Mestre Bimba (1900-1974) e Mestre Pastinha (1889-1981), divergiam a esse respeito: para o primeiro, a capoeira teria se formado na comunidade negra já no Brasil, mas, para o segundo, ela teria vindo para o Brasil com os africanos (NETO, 2002).

Neto (2002) divide a história da capoeira em três períodos: *escravidão, marginalidade e ensino nas academias*.

No período da escravidão, os escravos a teriam criado, não de forma planejada mas sim gradativamente, passando-a de geração a geração, conforme a natureza de suas necessidades para enfrentamento dos diferentes tipos de agressão que sofriam. Eles a disfarçavam em dança para iludir e contornar a proibição de sua prática por parte dos feitores e senhores de engenho. O desenvolvimento dessa forma de enfrentamento fora da África teria, no entanto, fortes vínculos com a tradição cultural da África: há manifestações como, por exemplo, a dança/luta chamada *n'golo* que ocorria em ritual feminino de passagem da adolescência para a puberdade e que consistia em rapazes lutar entre si, imitando coices de briga entre zebras.

No período da marginalidade, os escravos recém-libertos após a abolição da escravatura em 1888, não tendo meios próprios de subsistência, teriam se

desta cidade para o engenho, onde começou a roçar, e hoje é roça capoeira” (Livro, 1962, p. XXVI).

2 Segundo Cunha (1997, p. 151), a acepção de “luta” seria uma extensão da de “cesto”: “as acepções extensivas ‘luta’ e ‘lutador’ devem provir do costume que tinham os escravos que transportavam as capoeiras para o mercado de, nos intervalos do trabalho, praticarem esse tipo de jogo de destreza, o qual despertava a atenção dos assistentes, pela graça e beleza da exibição”. A etimologia de *capoeira* na acepção de “cesto” para esse autor seria **capo(n)* + *EIRA*, sendo a base uma variante de *capão* (“galo castrado”): capoeira seria, assim, originalmente a cesta onde eram carregadas aves.

envolvido em conflitos e a capoeira passou a ser proibida por decreto em 1890³. Mais tarde foram criadas instituições de colônias agrícolas correcionais para os “vadios, vagabundos e capoeiras”.

O período do ensino nas academias relaciona-se à revogação da proibição da prática da capoeira através da promulgação do novo código penal brasileiro (decreto-lei n. 2848, de 7 de dezembro de 1940), tendo passado a ser autorizada em recinto fechado. Nessa época estavam adentrando o Brasil outros tipos de lutas como o boxe, a luta livre, judô e caratê. Em função dessa concorrência, o baiano Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado) reuniu colegas e propôs adicionar aos golpes que já existiam outros mais agressivos e eficazes na defesa pessoal. Um desses colegas, Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), preferiu seguir com a capoeira de até então. A versão proposta por Mestre Bimba, originalmente denominada *luta regional baiana*, passou a se chamar *capoeira regional*, distinguindo-se assim da defendida por Mestre Pastinha, denominada *capoeira angola*. Na capoeira regional, Mestre Bimba acelerou o ritmo do berimbau (instrumento principal da capoeira que rege o ritmo da música da orquestra da roda), criou golpes mais altos e mais rápidos e adaptou alguns de outras lutas. Criou processos pedagógicos e sua didática era bem rígida e, às vezes, dolorosa.

Atualmente a capoeira é jogada em roda, tanto a angola como a regional, mas com algumas peculiaridades: ritmo mais lento na musicalidade da angola; na regional todos ficam na roda de pé e batem palmas no ritmo, na angola todos ficam assentados enquanto dois jogam e não batem palmas; existe a “compra do jogo” na regional enquanto dois jogam no centro da roda, já na angola só joga quem o mestre autorizar.

Hoje a capoeira está não só em academias, mas nas praças, nas ruas, nas escolas e nas universidades. Em 2008 passou a ser considerada patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN. Consta também dos Parâmetros Curriculares Nacionais como conteúdo da Educação Física, integrando o ensino fundamental I e II e médio. Como competição oficial, é regida e arbitrada pelas federações estaduais e Confederação Brasileira de Capoeira.

3 Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890: “Capítulo XIII – Dos vadios e capoeiras, Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular de dois a seis meses.”.

3 SOCIOTERMINOLOGIA

A terminologia é, segundo Barros (2004, p. 21), a “disciplina científica que estuda as chamadas línguas (...) de especialidade e seu vocabulário”. Cada unidade que forma esse vocabulário é chamada de *termo* ou unidade *terminológica*, que pode ser definida como “uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico” (BARROS, 2004, p. 40).

Considerando a motivação de compreender aspectos sócio-históricos da capoeira através de sua terminologia, evidencia-se como abordagem especialmente interessante a socioterminologia. Segundo esclarece Faulstich (1995, p. 282), a socioterminologia é uma “disciplina descritiva [que] estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social”, estando fortemente ancorada na sociolinguística e na etnografia. Sua base metodológica inclui, para Faulstich (1995, p. 282-283) as seguintes orientações: identificar o usuário da terminologia a ser descrita, adotar de atitude descritiva, consultar especialistas da área, delimitar do corpus, selecionar de documentação bibliográfica pertinente, precisar as condições de produção e de recepção do texto científico a técnico, conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica, registrar o termo e a(s) variante(s) do termo e redigir repertórios terminológicos.

Como se verá mais adiante há, na terminologia da capoeira, grande variação, aspecto a que a socioterminologia dedica com especial atenção. Faulstich (2001, p. 26-33) apresenta uma tipologia para a variação terminológica que pode ser assim sintetizada:

- I. Variantes concorrentes (formais):
 - I.1. Linguísticas: gráficas, fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais;
 - I.2. De registro: geográficas, temporais, de discurso.
- II. Variantes coocorrentes (sinônimos).
- III. Variantes competitivas (empréstimos): estrangeirismos e empréstimos propriamente ditos.

Embora o modelo teórico da socioterminologia ofereça um instrumental de pesquisa e de análise valioso, especificamente no caso da capoeira ele encontra dificuldades para ser aplicado sem adaptações. Primeiramente, é importante lembrar que essa prática corporal ficou proscrita durante anos, impedindo assim a ampla produção e circulação de textos escritos com registro do seu vocabulário próprio: os primeiros tratados mais extensos sobre o tema começam a aparecer

a partir da década de 60 no séc. XX⁴ e bastante timidamente. Em função disso, o *corpus* textual disponível é limitadíssimo, sobretudo se se querem investigar variações de natureza sócio-histórica, por exemplo. Em segundo lugar, na prática espontânea e mesmo em competições a emergência dos termos específicos é bastante limitada, sendo provavelmente mais comum em aulas para iniciantes, o que novamente torna difícil a coleta dos termos em situações espontâneas de comunicação. Dadas essas dificuldades, foi necessário estabelecer um método próprio para coleta dos termos, como será descrito na próxima seção.

Apesar da adaptação metodológica realizada, a pesquisa sobre a terminologia da capoeira em BH que aqui se apresenta continua fortemente ancorada na socioterminologia em função de sua preocupação em identificar o usuário da terminologia, em seguir uma atitude descritiva, em consultar especialista na área (um dos autores é professor de capoeira há mais de 30 anos), em delimitar o *corpus* (69 movimentos, incluindo golpes de ataque e de defesa), em conceder especial atenção à sintaxe e à semântica na análise e, sobretudo, por dar ênfase à questão da variação terminológica.

Contempla-se nesta pesquisa especialmente a questão das características sociolinguísticas dos usuários da terminologia da capoeira, aspecto não contemplado no estudo precursor de Anjos (2003) sobre o tema.

4 HIPÓTESE DE TRABALHO E METODOLOGIA

Como assinala Anjos (2003, p. 209), a metáfora e a metonímia são “os meios predominantes de criação lexical na terminologia da capoeira”. Dentre os exemplos de metáfora, Anjos (2003, p. 197) cita o termo *cruz*, cuja base seria a “semelhança entre a disposição dos membros em relação ao tronco na execução do movimento.” Dentre os de metonímia, Anjos (2003, p. 197) cita o termo *quebra-mão*, cuja base seria a uma relação de causa e efeito, pois o golpe geraria o efeito que lhe dá o nome. Entretanto, nem toda a terminologia da capoeira se formou através desses processos figurados, pois, como a própria Anjos (2003, p. 176-181) informa, há diversos casos de formação através de derivação sufixal, predominantemente *-ada*, *-inho* e *-ão*, como em *cabeçada*, *pescocinho* e *arrastão*, bem como através de outros processos comuns na língua como composição (p. ex., *dedo nos olhos*), conversão (p. ex., *rasteira*) e derivação regressiva (p. ex., *ginga*).⁵

4 Segundo Lopes (2006, p. 102), os primeiros registros com a “gíria” da capoeira estaria na obra *Os capoeiras*, de Plácido de Abreu, publicado no Rio de Janeiro em 1886.

5 Adota-se aqui a tipologia de criação lexical de Alves (1990), a mesma adotada por Anjos (2003).

Como já salientou Anjos (2003, p. 63-64), há, na terminologia, uma tendência a criar denominações buscando-se relacionar o termo ao conceito, fato que faria com que grande parte dos termos seja motivada. Anjos (2003, p. 63-64), retomando Kocourek (1991, p. 173), esclarece que havia uma correspondência entre motivações e tipos de formação lexical: a motivação semântica corresponderia ao emprego figurado, meio predominante na criação lexical na terminologia da capoeira.

Essa diferença de tipo de formação poderia ser interpretada, em uma perspectiva histórica, como um marcador de antiguidade dos termos, se se considerar existir uma tendência de substituição de formas *figuradas* (metafóricas e metonímicas) por formas *não-figuradas* (por derivação, composição, etc.). A justificativa para postular uma tal hipótese reside no fato de a inferência do significado a partir das formas figuradas ser mais difícil do que a partir das não-figuradas, uma vez que, para alguém que não tenha visto o movimento no momento de aprendizagem do termo, são várias as hipóteses possíveis para imaginar como se realiza o movimento. Assim, por exemplo, no caso do termo *chapéu-de-couro*, um aprendiz, que nunca tenha visto o movimento tradicionalmente relacionado a esse termo, poderia imaginar movimentos tão diferentes como colocar as mãos sobre a cabeça como estratégia de defesa ou girar braços ou pernas por 360° como estratégia de ataque. Já um termo não-figurado como *cabeçada* teria seu significado mais facilmente apreensível, pois os componentes morfológicos indicam claramente tratar-se de um golpe (*-ada*) com a cabeça (*cabeç-*) – naturalmente não se trata de uma inferência totalmente precisa, já que não se informa pelo termo outros dados sobre o movimento como em que região do corpo do oponente deve ser realizado (informa-se com *quê* mas não *onde*).

Em síntese, a hipótese de trabalho que foi testada é a de que *termos figurados na terminologia da capoeira tendem a ser substituídos por termos não-figurados*. Para testar essa hipótese, fez-se uma coleta de dados sobre a terminologia da capoeira com capoeiristas em BH.

A metodologia que se descreve a seguir parte, como já esclarecido, de princípios da socioterminologia, embora tenham sido feitas adaptações em função da natureza do objeto de estudo: a principal adaptação foi a coleta de dados através de questionários, e não através de análise de seu uso em textos reais.

Selecionaram-se 10 capoeiristas na cidade de BH para atuarem como informantes⁶: 5 homens e 5 mulheres, na faixa etária jovem (entre 25 a 32 anos), professores de capoeira.

6 A todos os informantes foi solicitado o preenchimento de um termo de livre e esclarecido de consentimento informando em linhas gerais o objeto da pesquisa e solicitando autorização para a coleta de dados.

Tomando como referência o conhecimento de um dos autores deste estudo (capoeirista desde 1974), elaborou-se uma lista de 70 movimentos da capoeira. Solicitou-se a um único voluntário que realizasse cada movimento descrito para que fosse gravado em vídeo. Essa medida foi necessária para assegurar que todos os informantes apresentassem seu termo para o mesmo movimento em cada caso, evitando assim que a variação terminológica decorresse de cada informante ter um movimento diferente em mente ao responder ao questionário. No questionário, havia 70 lacunas para serem preenchidas a medida que cada um dos 70 vídeos fosse exibido.

Os dados foram coletados, classificados e quantificados. Para testar a hipótese, pensou-se em atribuir aos termos coletados os rótulos de *figurado* ou *não-figurado*, tomando-se como ponto de partida a análise de Anjos (2003). Seriam considerados figurados aqueles de base metafórica (p. ex., *chapéu de couro*) ou metonímica (p. ex., *fura olho*), enquanto os não-figurados seriam com descrição denotativa do movimento (p. ex., *queda de quatro* ou *esquiva lateral*). A análise dos dados mostrou que, na verdade, existem categorias mistas, com elemento figurado e não-figurado no mesmo termo, como em *meia-lua de frente, aí com uma mão, bananeira trocando perna*, etc. Os dados foram então classificados como *figurados*, *mistos* ou *não-figurados*.

Quando o informante indicou dois termos para o mesmo movimento, ambos foram considerados. Para facilitar a percepção da relação entre os movimentos e os termos atribuídos ao longo deste texto, utilizou-se a sigla M seguida de número (por exemplo, M01) para identificar cada movimento: os movimentos gravados em vídeo aparecem descritos sumariamente na seção *anexo* deste texto.

Após realizada a coleta de dados e analisados os resultados, percebeu-se que um dos movimentos gravados em vídeo (M16), sendo composto pela combinação de dois outros, gerou dificuldade para os informantes nomeá-lo (não sabiam se deveriam registrar um ou dois nomes para aquele vídeo), razão pela qual foi eliminado da análise. Ficaram, portanto, apenas os 69 vídeos com movimentos únicos.

5 RESULTADOS

5.1 Aspectos gerais

A terminologia da capoeira coletada em BH revela alguns fatos interessantes. Primeiramente, percebe-se uma clara preocupação em identificar se um termo pertence à tradição da capoeira angola ou à regional: assim, M56 é nomeado por um dos informantes como *soco (regional)*; mas a identificação nem sempre é

consensual, pois M46 é apresentado como *negativa de angola* por dois informantes mas como *negativa da regional* por dois outros. Em segundo lugar, 4 dos 10 informantes manifestaram consciência da variação na terminologia da capoeira: por exemplo, um primeiro informante apresentou *surdão* e *galopante* para M54; um segundo, *parada de mão* e *bananeira* para M64, *cadeira de frente* e *cavalo* para M8, *aú rolê* e *aú com saída de mão* para M65 e *aú baixo* e *aú de Benguela* para M27; um terceiro, *aú equilíbrio* e *bananeira* também para M64 e *aú encolhido* e *aú de angola* para M27; e um quarto, *aú de coluna* ou *aú de frente* para M65 e *aú encolhido* e *aú com perna encolhida* para M27 – nestes casos pode-se falar em variantes coocorrentes, nos termos de Faulstich (2001, p. 26-33), pois são usadas pelo mesmo falante referindo-se a um mesmo conceito. Em terceiro lugar, o fato de o conhecimento da capoeira ter sido transmitido sobretudo oralmente no passado e ainda o ser em parte hoje parece estar por trás de diversas variantes formalmente semelhantes, como no caso de *biqueira* - *ponteira* (M18), *negativa* - *vingativa* (M46), *quebra de rins* - *queda de rins* (M47), *rolê para trás* - *roleio* (M12), e *quique* - *quip de cabeça* (M63).

A variação na terminologia da capoeira em BH é de natureza diversa, como se pode verificar pela tipologia abaixo (eventualmente mais de um padrão ocorre ao mesmo tempo em uma mesma categoria)⁷:

7 Não foram computadas aqui as variantes que se diferenciavam por hífen, por acento gráfico ou por estarem em desacordo com a ortografia vigente. Nos casos em que o informante usasse a conjunção *ou*, cada parte foi considerada como um termo independente (p. ex., *aú encolhido ou de angola* = *aú encolhido* + *aú de angola*).

Gráficas			<i>flick</i> ~ <i>flic-flac</i> (M49)
Fonológicas			<i>rolê para trás</i> ~ <i>roleio</i> (M12); <i>quique</i> ~ <i>quip de cabeça</i> (M63)
Morfológicas	Radical		<i>biqueira</i> ~ <i>ponteira</i> (M18); <i>negativa</i> ~ <i>vingativa</i> (M46)
	Sufixal	Presença × ausência de sufixo derivacional	<i>macaco</i> ~ <i>macaquinho</i> (M35); <i>relógio</i> ~ <i>reloginho</i> (M68)
		Sufixos diferentes	<i>biqueira</i> ~ <i>bicudo</i> (M18); <i>cutila</i> ~ <i>cute-lada</i> (M59)
		Presença × ausência de sufixo flexional	<i>aú sem mão</i> ~ <i>aú sem as mãos</i> (M34); <i>rasteira de costa</i> ~ <i>rasteira de costas</i> (M53)
Sintáticas	Presença × ausência de artigo definido		<i>rabo de arraia da angola</i> ~ <i>rabo de arraia de angola</i> (M25)
	Presença × ausência de preposição		<i>rasteira de frente</i> ~ <i>rasteira frente</i> (M51); <i>aú de compasso</i> ~ <i>aú compasso</i> (M65)
	Diferença de preposição		<i>aú de coice</i> ~ <i>aú com coice</i> (M41); <i>meia-lua para fora</i> ~ <i>meia-lua de fora</i> (M45)
	Verbal × não-verbal		<i>bananeira trocando perna</i> ~ <i>bananeira com troca de perna</i> (M37); <i>armada pulando</i> ~ <i>armada pulada</i> (M33)
	Ordem dos modificadores		<i>esquiva lateral baixa</i> ~ <i>esquiva baixa lateral</i> (M7)
Lexicais	Presença × ausência de modificador		<i>ginga</i> ~ <i>ginga alta</i> (M1); <i>aú</i> ~ <i>aú aberto</i> (M26)
	Base diferente		<i>negativa baixa</i> ~ <i>esquiva baixa</i> (M10); <i>benção de chão</i> ~ <i>ponteira de chão</i> (M42)
	Modificador diferente		<i>rolê de costas</i> ~ <i>rolê para trás</i> ~ <i>rolê com negativa de frente</i> (M12); <i>macaco corrido</i> ~ <i>macaco paulista</i> ~ <i>macaco em pé</i> (M50)
	Diferença total		<i>quebra de rins</i> ~ <i>negativa de angola</i> ~ <i>esquiva de chão</i> ~ <i>encaixe rasteira</i> (M47)

Quadro 1. Tipologia das variantes linguísticas na terminologia da capoeira em Belo Horizonte⁸

⁸ Adota-se aqui o sinal ~ para indicar “em variação com”, como tem sido comum em estudos de sociolinguística, como em Gomes e Souza (2004).

As cinco grandes categorias de variantes linguísticas coocorrentes (gráficas, fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais) tomaram por base a proposta de Faulstich (2001, p. 26-33), mas a análise dos dados mostrou que poderiam ser mais detalhadas em função de padrões recorrentes, razão pela qual foram acrescentados aqui subtipos como presença × ausência de sufixo derivacional, ordem dos modificadores, *etc.* Assim, as variantes concorrentes linguísticas morfológicas podem sê-lo por diferença no radical ou no sufixo; já as sintáticas podem sê-lo em uma grande gama de subpadrões como presença ou não de artigo definido, presença ou não de preposição, dentre outros assinalados no Quadro 1 acima. Alguns desses padrões foram igualmente atestados na análise de Alves *et al.* (2002) em relação aos dados do Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo.

Deixando de lado as variações gráficas e fonológicas, que foram raras e são pouco fecundas para a discussão sobre os principais processos de formação de variantes na terminologia da capoeira, verifica-se ainda assim uma extraordinária diversidade nos dados coletados em BH: para os 69 movimentos diferentes da capoeira considerados, registraram-se conjuntamente 294 diferentes termos.

Convergência total na terminologia entre os 10 informantes aconteceu apenas em 6 de todos os 69 movimentos analisados: *martelo* (M05), *queixada* (M20), *armada* (M21), *gancho* (M28), *chapéu de couro* (M30) e *pião de cabeça* (M61). Em um outro movimento, houve convergência total entre os 9 informantes que responderam efetivamente: *cocorinha* (M02).

Um primeiro grau de afastamento da convergência total está nos casos em que apenas um dos informantes que responderam se afastou dos demais. Vejam-se os 8 casos a seguir, sendo apresentada primeiramente a forma mais frequente: *ginga* ~ *ginga alta* (M01); *benção* ~ *ponteira* (M14); *aú* ~ *aú aberto* (M26); *pião de mão* ~ *giratória* (M60); *relógio* ~ *reloginho* (M68); *cabeçada* ~ *cabeçada frontal* (M70); *queda de quatro* ~ *defesa baixa 4 apoios* (M05); e *telefone* ~ *surdão com as duas mãos* (M67).

Divergência total na terminologia entre os todos informantes aconteceu apenas em 4 casos. Para o M10, os 10 informantes apresentaram como resposta: *baixa de frente* ~ *descida básica* ~ *esquiva baixa* ~ *esquiva baixa de frente* ~ *esquiva básica lateral* ~ *esquiva de frente baixa frontal* ~ *esquiva frontal* ~ *esquiva lateral com a mão no chão* ~ *negativa baixa* ~ *primeira esquiva de frente*; e para M42, *benção de chão* ~ *benção de chão (angola)* ~ *benção de angola* ~ *benção (jogo de angola)* ~ *benção quatro apoios* ~ *pisão chão* ~ *chapa frente* ~ *chapa de frente da queda de quatro* ~ *ponteira de chão* ~ *ponteira da angola*. Para o M9, 7 que responderam registraram resposta: *cruz* ~ *esquiva baixa* ~ *esquiva com avanço* ~ *esquiva defensiva* ~ *esquiva lateral* ~ *queda de martelo* ~ *saída de golpe frontal*. Para o M58, apenas

3 informantes que apresentaram resposta registraram: *bloqueio cruzado* ~ *defesa na cadeira* ~ *guilhotina*.

Um primeiro grau de afastamento da divergência total está nos casos em que 2 informantes que responderam apresentaram a mesma forma, como nos 6 seguintes casos (a forma adotada pelos 2 informantes é a primeira da série): *escorpião alto* ~ *escorpião* ~ *escorpião de frente* ~ *bote pra trás* ~ *bananeira trocando perna* ~ *bananeira com troca de perna* (M37); *rolê para trás* ~ *roleio* ~ *rolê de costas* ~ *rolê com negativa de frente* ~ *rolê e negativa* ~ *fuga com rolê* ~ *rasteira de frente com rolê* ~ *rasteira de frente com negativa* (M12); *mola de cabeça* ~ *mola com variação* ~ *molinha de cabeça* ~ *flick de mola de cabeça* ~ *aú de cabeça* ~ *aú de cabeça com mola* ~ *quip de cabeça* ~ *quique* ~ *saída de ponte* (M63); *esquiva lateral baixa* ~ *esquiva lateral* ~ *esquiva baixa lateral* ~ *esquiva lateral com apoio da mão* ~ *esquiva de frente* ~ *esquiva na cadeira mão no chão* ~ *primeira esquiva* ~ *variação esquiva lateral* ~ *negativa lateral baixa* (M07); *quebrada* ~ *quebra* ~ *esquiva* ~ *esquiva atrás na cadeira* ~ *esquiva lateral* ~ *esquiva de lado* ~ *finta* ~ *esquiva de costas* ~ *defesa baixa lateral* (M11). Eventualmente, a coincidência entre 2 informantes aconteceu paralelamente, gerando empate (as formas de empate são as duas primeiras da série): *esquiva baixa* ~ *negativa* ~ *esquiva baixa lateral* ~ *esquiva atrás* ~ *esquiva recuando* ~ *negativa mão trocada* ~ *resistência* (M03); e *carneirinho* ~ *macaquinho de angola* ~ *macaco de angola* ~ *macaco de chão de angola* ~ *macaco chão* ~ *aú com queda de rins* ~ *quebra de rins* (M48).

Constatou-se desconhecimento do termo pelos informantes para alguns dos movimentos apresentados em vídeo. Para certos movimentos, a lacuna foi deixada em branco por um ou mais informantes: para M58, 7 informantes não responderam; para M59, 6; para o M55, 4; para M09 e M37, 3; para M8, M18, M40, M56 e M67, 2; e para M02, M03, M05, M12, M17, M33, M41, M43, M48, M50, M57, M63, M65, apenas 1. Três dos 10 informantes (com início da prática em 1996, 1998 e 1999) não deixaram nenhuma lacuna em branco, enquanto o que deixou mais (com início da prática em 1995) o fez para 17 movimentos: esse resultado é surpreendente, porque intuitivamente se supõe que, quanto mais tempo de prática de um esporte, mais um praticante dominaria a terminologia respectiva.

Considerando o método de coleta de dados utilizado, não foi possível identificar internamente no *corpus* coletado diferenças geográficas (todos os informantes eram de BH), temporais (os dados foram coletados na mesma época) e de discurso (os dados foram coletados em um mesmo tipo de situação comunicativa: preenchimento de formulário durante exibição de vídeo).

Entretanto é possível identificar algumas tendências simultaneamente geográficas e temporais comparando-se o *corpus* de BH com dois registros de interesse.

Em uma das obras impressas de referência na área mais antigas, *Capoeiragem*, do carioca Lamartine Pereira da Costa, publicada originalmente em 1961, constam 29 termos. Desses, 17 (59%) ocorreram nos dados de BH: *armada, aú, bênção, cabeçada, chapa, coice, compasso, ginga, martelo, meia-lua, negativa, queda-de-quatro, rabo-de-arraia, rasteira, resistência, tesoura e vingativa*. Não ocorreram em BH os 12 (41%) seguintes⁹: *•arrastão, •baianada, •corta-capim, •encruzilhada, •joelhada, •pisadas, •pontapés, •rabo-de-arraia-amarrado, •s" dobrado, •taponna, tombo-da-ladeira e •vão-do-morcego*.¹⁰

Em uma segunda obra de referência do ponto de vista histórico, o livreto do disco *Curso de capoeira regional* do baiano Mestre Bimba (1900-1974), publicado aprox. em 1963, constam 28 termos. Desses, apenas 12 (43%) ocorreram nos dados de BH: *armada, asfixiante, bênção, cruz, galopante, godeme, martelo, meia-lua-de-compasso, negativa, rasteira, tesoura e vingativa*.¹¹ Não ocorreram em BH os 16 (57%) seguintes: *•açoite-de-braço, arpão-de-cabeça, •balão cinturado, •balão-de-lado, banda traçada, •banda-de-costa, •bochecho, •cintura desprezada, •duas-de-frente, gingado, •gravata cinturada, •joelhada, •quebra-pescoço, queda-de-cocorinha, saída-de-aú e saída-de-rolê*.

Considerando agora apenas os termos que tiveram seu respectivo movimento dentre os 69 exibidos aos informantes da coleta em BH, tem-se 18 itens relevantes em ambos os casos. Segundo essa análise, há 17 (94%) termos de Costa presentes no *corpus* de BH contra 12 (67%) do Mestre Bimba, ou seja, vê-se que a terminologia em Minas tem mais semelhança com a do Rio de Janeiro do que com a da Bahia.

Pode-se ainda comparar o *corpus* de BH com outros dois registros de interesse quanto à terminologia da capoeira, embora os dados desses registros não

9 Em certos casos, a ausência do termo nos dados de BH deve-se à ausência do movimento entre os 69 gravados em vídeo e exibidos aos informantes. Indicam-se esses casos com um ponto sobrescrito (•) antes do termo.

10 *Pisadas* e *pontapés* são, na verdade, hiperônimos: na coleta de BH não ocorreram esses termos porque os informantes nomearam os movimentos com os hipônimos correspondentes: assim, não aparece o termo *pontapé* mas sim, p. ex., *martelo* (M32) e *ponteira* (M18), que são dois tipos diferentes de pontapés; não há pisada, mas, p. ex., *chapa de frente* (M42) e *chapa de costas* (M43), que são tipos de pisadas.

11 No texto do Mestre Bimba aparecem as expressões *dois "godemes"* e *dois-martelos*, que foram interpretadas aqui com a indicação de dois tipos de godemes e de martelos, respectivamente, e não como um tipo específico composto de godeme ou de martelo. Logo após a expressão *dois "godemes"* aparece (*esquerdo e direito*), sugerindo que, como interpretado aqui, a expressão em si não constitui propriamente um termo.

tenham sua identidade sócio-histórica bem definida, por serem compilações (um dicionário e uma dissertação).

Houaiss *et al.* (2001) registram 45 termos de movimentos da capoeira. Desses, apenas 25 (56%) estão presentes nos dados de BH: *armada, aú, aú-fêchado, bênção, cabeçada, chapa de costas, chapa de frente, chibata, escorão, esquiva, galopante, ginga, martelo, meia-lua, meia-lua solta, negativa, pisão, rabo-de-arraia, relógio, resistência, rolê, queda-de-quatro, queda-de-rim, rasteira e tesoura*. Não ocorreram em BH os 20 (44%) seguintes: •arpão, •aú-cortado, chapa-de-pé, coice-de-mula, •corta-capim, •joelhada, martelo voador, •molinete, •pantana, parada, parafuso, pulo-do-macaco, salto-do-palhaço, •salto-mortal, •tapona, tesoura-de-costas, tesoura-de-frente, tombo-da-ladeira, •voa-pé e •vão-do-morcego.

Anjos (2003) elaborou um glossário da capoeira, a partir de obras impressas, com 80 verbetes¹². Registrou relativamente poucas variantes, pois, excluindo-se as puramente gráficas (que se opunham pela presença ou ausência de hífen), apenas 6 termos tinham efetivamente variação linguística (*banda de costas* ~ *banda-de-costa*; *chapa de costas* ~ *chapa*; *chibata* ~ *chibatada*; *cutila* ~ *cutilada de mão*; *escurrumelo* ~ *cabeçada de escurrumelo*; *meia-lua de frente* ~ *meia-lua*). Dos 86 termos coletados por Anjos (2003), 47 (55%) apareceram entre os de BH: *armada, asfixiante, aú, bananeira, bênção, cabeçada, chapa, chapa de costas, chapa de frente, chapéu de couro, chibata, cocorinha, coice, compasso, cruz, cutila, dedo nos olhos, escorão, esquiva, esquiva lateral, galopante, ginga, godeme, leque, martelo, meia-lua, meia-lua de compasso, meia-lua de frente, negativa1, negativa2, negativa3, ponteira, queda de rim, queda-de-quatro, queixada, rabo-de-arraia1, rabo-de-arraia2, rabo-de-arraia3, rasteira, rasteira em pé, resistência, rolê, telefone, tesoura, tesoura de costas, tesoura de frente e vingativa*. Não ocorreram no corpus de BH os 39 (45%) seguintes: •açoite de braço, arpão de cabeça, •arrastão, •balão cinturado, •balão de lado, •banda de costa, •banda de costas, *banda traçada*, •boca de calça, •bochecho, •cabeçada de escurrumelo, •chibatada, •cintura desprezada1, •cintura desprezada2, •corta-capim1, •corta-capim2, •cotovelada, •cutilada de mão, •escurrumelo, forquilha, gingado, •giro, •gravata cinturada, •guarda, •joelhada, martelo voador, •negaça, •palma, •quebra-mão, •quebra-pescoço, •s dobrado, •sapinho, •suicídio, tesoura de frente, tombo-da-ladeira, •vão-do-morcego, *esquivar, gingar e plantar bananeira*¹³.

12 O critério adotado por Anjos (2003, p. 134) para a inclusão de um termo no seu glossário foi o de que o termo aparecesse pelo menos duas vezes nos materiais impressos que consultou.

13 Nos dados de BH, os informantes registraram apenas formas com base nominal, certamente em função da instrução que era a de nomear o movimento no vídeo. Isso explica a ausência de termos com base verbal como *esquivar, gingar e plantar bananeira*, registrados por Anjos (2003).

5.2 Avaliação da hipótese de trabalho

A hipótese de trabalho proposta aqui é a de que *termos figurados na terminologia da capoeira tendem a ser substituídos por termos não-figurados*. A confirmação da hipótese seria obtida se, quanto menos tempo de capoeira os informantes tivessem, mais recorrentes fossem as formas não-figuradas na sua terminologia de capoeira¹⁴.

Os resultados obtidos após a atribuição dos rótulos foram os seguintes: figurados, 100 termos (34%); mistos, 134 (46%); e não-figurados, 60 (20%). É interessante notar como os termos figurados são realmente importantes na capoeira: aparecem em 80% dos casos (somando-se os figurados “puros” com os mistos). Os dados de BH confirmam a afirmação de Anjos (2003, p. 209) de que a metáfora e a metonímia são os meios predominantes de criação lexical na terminologia da capoeira. Entretanto, certamente por sua opacidade, os termos figurados frequentemente vêm acompanhados de modificadores descritivos mais transparentes, como em *aú baixo* (M27), *chapa de costas* (M43), *escorpião de frente* (M37), *macaco em pé* (M50), *meia lua para fora* (M45), *bananeira com troca de perna* (M37), *benção elevada* (M18), *mola de cabeça* (M63), dentre tantos outros.

Uma primeira questão é se terá havido mudanças no padrão de formação da terminologia da capoeira nos últimos tempos. Para analisar essa questão, convém comparar os termos de uma das obras mais antigas sobre o tema com os encontrados em BH.

No já citado livro de Costa, de 1961, dos 29 termos, 20 são figurados (69%), 1 é misto (3%) e 8 são não-figurados (28%). Já no do Mestre Bimba, de 1963, dos 28 termos, 14 são figurados (50%), 10 são mistos (36%) e 4 são não-figurados (14%). Comparando esses padrões de terminologia com os encontrados em capoeiristas de BH, constata-se clara diminuição nos figurados (69% > 50% > 34%) e claro aumento dos mistos (3% > 36% > 46%); já os não-figurados apresentam variação (28% > 14% > 20%). Esses dados de certa forma confirmam a hipótese apresentada aqui de que a terminologia da capoeira tenderia a substituir formas figuradas por não-figuradas, sendo provavelmente as formas mistas um caminho intermediário.

14 Realiza-se aqui uma adaptação do conceito de *mudança no tempo aparente*, nos termos de Labov (1982, p. 30-34), ou seja, a ideia de que distribuição de variantes entre diferentes faixas etárias permite identificar, em dados sincrônicos, padrão de mudança em progresso.

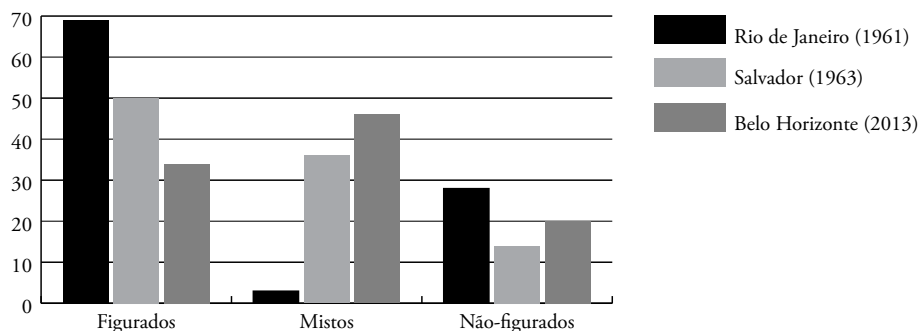


Gráfico 1. Tipo de termo por localidade e data (%)

Uma segunda forma de avaliar se a tendência à transparência está atuando na terminologia dos capoeiristas em BH é comparar os termos usados por informantes com mais tempo de prática de capoeira com os de menos tempo. Os 10 informantes foram divididos em dois grupos iguais: os veteranos (os cinco que iniciaram a prática entre 1992 e 1996) e os não-veteranos (os cinco que iniciaram a prática entre 1998 e 2001).

Levando em conta cada uma das respostas de cada informante (conjuntamente, 653 respostas), encontrou-se o seguinte resultado:

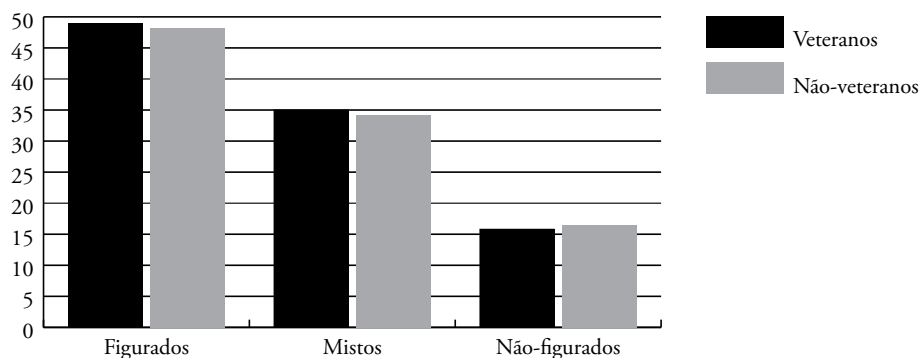


Gráfico 2. Tipo de termo por tempo de prática (%)

Como se pode ver pelo gráfico 1, os padrões são quase idênticos entre os dois grupos considerados (com diferenças não significativas). Esses resultados permitem duas interpretações: (a) os padrões atingiram estabilidade, não mais tendendo a se modificar em função do tempo de prática; ou (b) o tempo de

prática considerado (12 a 21 anos) não foi discrepante o suficiente entre os praticantes para revelar mudanças.

Levando em conta o gênero dos informantes, puderam-se verificar os seguintes padrões:

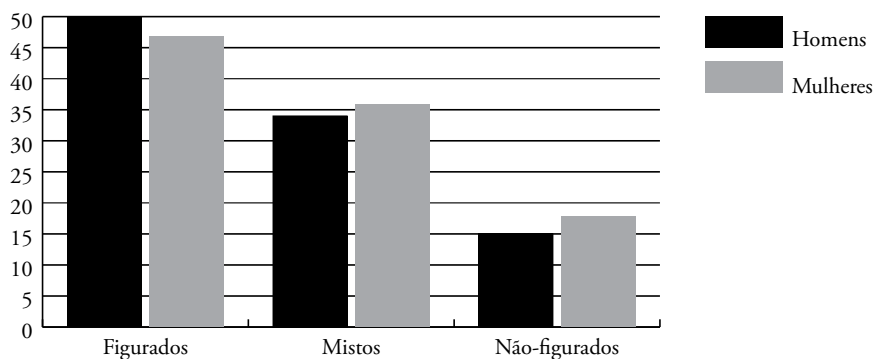


Gráfico 3. Tipo de termo por gênero do informante (%)

Novamente percebem-se padrões muito semelhantes entre os gêneros, com uma leve tendência de as mulheres optarem pelos termos mistos e não-figurados. Estudos de sociolinguística tem constatado que as mulheres tem comportamento conservador frente a formas estigmatizadas e comportamento inovador frente a formas prestigiadas (PAIVA, 2004, p. 36-37). A diferença não significativa dos padrões das mulheres frente aos dos homens sugere que não há valorização nos padrões, ou seja, as formas de um dado tipo não seriam percebidas como de prestígio ou estigmatizadas em relação às de outro tipo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo realizou-se uma análise da terminologia da capoeira em Belo Horizonte. A análise permitiu verificar os seguintes fatos:

- (a) há variação nessa terminologia, tendo sido atestados 294 termos para designar conjuntamente 69 movimentos da capoeira;
- (b) embora haja grande variação, há uniformidade terminológica na nomeação de 6 movimentos;
- (c) surpreendentemente, há divergência total entre os informantes na nomeação de 3 movimentos;

- (d) a terminologia de Belo Horizonte parece ter mais afinidade com a terminologia do Rio de Janeiro, sugerindo assim que a transmissão dessa manifestação cultural em terras mineiras se deva sobretudo ao contato com a tradição carioca;
- (e) na terminologia de Belo Horizonte, predomina o padrão misto (46%) na estruturação dos termos da capoeira, sendo seguido pelos figurados (34%) e pelos não-figurados (20%);
- (f) em comparação com a terminologia figurada da década de 60 do Rio de Janeiro (69%) e de Salvador (50%), a de Belo Horizonte (34%) apresenta o menor valor, sugerindo ter havido historicamente uma substituição de formas figuradas pelas demais;
- (g) não houve diferença significativa nos padrões de termos usados por informantes veteranos e não-veteranos, sugerindo estabilização dos padrões da terminologia;
- (h) não houve diferença significativa nos padrões de termos usados por informantes do sexo masculino e feminino, sugerindo ausência de valoração (formas prestigiadas x estigmatizadas) nos termos.

Esses resultados, tão complexos, certamente espelham a história da própria capoeira: em função de sua formação secular sem codificação formal por escrito, houve nela espaço fecundo para expressão das idiossincrasias de cada praticante ou de cada grupo de praticantes, por isso se tem uma terminologia tão rica e variada. Seguramente outro aspecto dessa história, a transmissão oral, continua desempenhando um papel importante não só na preservação da diversidade terminológica como também no seu fomento. A viabilidade de se usar o estudo da terminologia (mais especificamente da socioterminologia) como estratégia de reconstrução da história de manifestações culturais desenvolvidas à margem da cultura escrita foi confirmada: identificou-se, por exemplo, pelos padrões da terminologia de Belo Horizonte, que sua tradição está fortemente vinculada à do Rio de Janeiro. A ampliação desse método para abarcar regiões cada vez mais extensas do Brasil bem como diferentes faixas etárias de praticantes certamente há de apresentar contribuição valiosa para reconstruir a complexa história social da capoeira no Brasil..

REFERÊNCIAS

Alves IM. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática; 1990.

Alves IM et al. A pesquisa em terminologia: aspectos da variação nas línguas de especialidade. Estudos Linguísticos. 2002; 31.

Anjos ED. Glossário terminológico ilustrado de movimentos e golpes da capoeira: um estudo término-linguístico [dissertação de mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2003.

Barros LA. Curso básico de terminologia. São Paulo: Edusp; 2004.

Costa LP. Capoeiragem: a arte da defesa pessoal brasileira. Rio de Janeiro: [s.n.]; 1961 [Repub.: Capoeira sem mestre. Rio de Janeiro: Edições de Ouro; 1962].

Cunha AG. Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1997.

Faulstich E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. 1995;24(3):281-288.

Faulstich E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm*. 2001;7:11-40.

Gomes CA., Souza CNR. Variáveis fonológicas. In: Mollica MC, Braga ML, organizadores. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto; 2004.

Houaiss A et al. Dicionário eletrônico Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001. CD-ROM (Versão 1.0).

Kocourek R. *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden: Oscar Brandstetter Verlag; 1991.

Labov W. Building on empirical foundations. In: Lehmann WP, Malkiel Y, editors. *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 1982.

Livro de Tombo do Colégio de Jesus do Rio de Janeiro (transcrição e introdução de D. Leite de Macêdo). *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 82, p. V-XXXI, 1-367, 1962.

Lopes AL. Capoeiragem. In: Costa L, organizador. *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEE; 2006. p. 102-104.

Mestre Bimba. Curso de capoeira regional. Salvador: RC Disco/Fitas; 1963. LP com livreto.

Nascentes A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 1955.

Neto N. Capoeira: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record; 2002.

Paiva MC. A variável gênero/sexo. In: Mollica MC, Braga ML, organizadores. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto; 2004.

ANEXO

Descrição sumária dos movimentos gravados em vídeo¹⁵

Para tornar a descrição mais compacta, utilizaram-se as seguintes siglas: D = golpe de defesa, A = golpe de ataque, CT = golpe de contra-ataque, CA = capoeira angola e CR = capoeira regional. Os termos que aparecem depois de cada descrição são os registrados no *corpus*, apresentados em ordem alfabética em cada movimento.

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M01	Deslocamento da perna esquerda para trás e do braço esquerdo para frente com cotovelos flexionados a 45° e com a mão à altura do queixo, alternando com os mesmos movimentos com os membros opostos. MB-CA/CR.
	<i>Ginga - ginga alta.</i>
M02	Agachamento na posição de cócoras com o braço direito à frente na altura das orelhas, com cotovelo flexionado e com a mão esquerda apoiada no solo. D-CA/CR.
	<i>Cocorinha.</i>

(continua)

¹⁵ O vídeo relativo ao M16 foi excluído da análise por conter mais de um movimento, gerando assim dúvida nos informantes sobre qual movimento deveriam nomear. Por isso, o M16 também não consta desta descrição.

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M03	Agachamento com perna esquerda totalmente flexionada, perna direita semiflexionada à frente, tronco inclinado para a direita, mão esquerda apoiada no solo e braço direito à frente do rosto com cotovelo flexionado. D-CA/CR.
	<i>Esquiva atrás - esquiva baixa - esquiva baixa lateral - esquiva recuando - negativa - negativa mão trocada - resistência.</i>
M04	Giro de 360° apoiando no solo cada mão sucessivamente, com as pernas afastadas na fase intermediária do movimento, e voltando à posição inicial. D-CA/CR.
	<i>Meia lua de compasso - movimentação lateral fintando uma rasteira - rasteira de frente - rolê - saída de rolê.</i>
M05	Agachamento para trás com apoio sucessivo de cada mão no solo atrás do corpo. D-CA/CR.
	<i>Queda de quatro - defesa baixa 4 apoios.</i>
M06	Afastamento da perna direita semiflexionada, perna esquerda estendida, tronco inclinado para a direita, braço esquerdo à frente do rosto com cotovelo flexionado e braço direito com cotovelo flexionado atrás do corpo. D-CA/CR.
	<i>Esquiva de frente - esquiva lateral - esquiva lateral alta - esquiva na cadeira - negativa lateral - terceira esquiva.</i>
M07	Afastamento da perna direita semiflexionada, perna esquerda estendida, tronco inclinado para a direita, braço esquerdo à frente do rosto com cotovelo flexionado e mão direita apoiada no solo. D-CA/CR.
	<i>Esquiva lateral com apoio da mão - esquiva baixa lateral - esquiva de frente - esquiva lateral - esquiva lateral baixa - esquiva na cadeira mão no chão - negativa lateral baixa - primeira esquiva - variação esquiva lateral.</i>
M08	Agachamento com semiflexão dos joelhos, mãos à frente na altura do queixo com o dorso delas voltado para baixo. D-CR.
	<i>Base cadeira - cadeira - cadeira de frente - cavalo - chamada - esquiva de cadeira da Benguela.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M09	Afastamento da perna direita, com semiflexão do joelho direito e giro de 90° do tronco para esse lado, braço direito à frente do rosto com o cotovelo flexionado; seguido de semiflexão do joelho esquerdo, deslocando-se em direção ao solo e afastamento da mão esquerda em relação ao corpo. D-CR.
	<i>Cruz - esquiva baixa - esquiva com avanço - esquiva defensiva - esquiva lateral - queda de martelo - saída de golpe frontal.</i>
M10	Semiflexão do joelho direito com seu deslocamento à frente e extensão da perna esquerda para trás, mão direita apoiada no solo e braço esquerdo à frente do rosto com cotovelo flexionado. D-CR.
	<i>Baixa de frente - descida básica - esquiva baixa - esquiva baixa de frente - esquiva básica lateral - esquiva de frente baixa frontal - esquiva frontal - esquiva lateral com a mão no chão - negativa baixa - primeira esquiva de frente.</i>
M11	Deslocamento para trás da perna direita, giro de 90° do tronco com flexão para a direita, semiflexão dos joelhos, braços abduzidos lateralmente na altura das orelhas com cotovelo flexionado com o dorso das mãos voltado para cima. D-CR.
	<i>Defesa baixa lateral - esquiva - esquiva atrás na cadeira - esquiva de costas - esquiva de lado - esquiva lateral - finta - quebra - quebrada.</i>
M12	Giro de 360° apoiando as mãos no solo sucessivamente, terminando com perna esquerda à frente semiflexionada e a outra flexionada, com apoio da mão direita no solo e braço esquerdo à frente do rosto com cotovelo flexionado. D-CR.
	<i>Fuga com rolê - rasteira de frente com negativa - rasteira de frente com rolê - rolê com negativa de frente - rolê de costas - rolê e negativa - rolê pra trás - roleio.</i>
M13	Projeção da perna direita na forma de semicírculo com joelho estendido. A-CR.
	<i>Meia lua - meia lua de frente - meia lua frente.</i>
M14	Semiflexão do joelho e semiflexão do quadril, seguidas de projeção da planta do pé e extensão do joelho. A-CA/CR.
	<i>Bênção - ponteira.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M15	Elevação da coxa esquerda, semiflexão do seu joelho, giro de 90° do tronco para a direita, projeção do dorso do pé esquerdo até a extensão total do joelho. A-CR.
	<i>Martelo.</i>
M17	Elevação da coxa esquerda com seu joelho semiflexionado, seguida de flexão plantar do pé esquerdo e extensão de joelho. A-CR.
	<i>Benção - ponteira - ponteira de biqueira - ponteiro.</i>
M18	Elevação da coxa esquerda com seu joelho estendido, seguida de flexão plantar do pé esquerdo. A-CR.
	<i>Benção elevada - bicudo - biqueira - elevação de perna - ponteira - ponteiro.</i>
M19	Elevação da coxa esquerda com seu joelho semiflexionado, giro do tronco de 90°, eversão do pé esquerdo e extensão de joelho. A-CR.
	<i>Chapa - chapa de frente - chapa lateral - escorão - pisão - pisão de frente.</i>
M20	Deslocamento do pé direito à frente no solo cruzando com o esquerdo atrás, giro de 90° do tronco para a esquerda e realização de semicírculo elevado para a direita com a perna direita. A/CT-CR.
	<i>Queixada.</i>
M21	Giro de 360° com elevação da perna esquerda estendida. A-CA/CR.
	<i>Armada.</i>
M22	Giro de 360° com elevação da perna esquerda estendida e com apoio simultâneo das mãos no chão na fase intermediária do movimento. A/CT-CR.
	<i>Meia lua compasso - meia lua de compasso - rabo de arraia.</i>
M23	Giro de 360° com elevação da perna esquerda estendida e com apoio apenas da mão direita no chão na fase intermediária do movimento. A/CT-CR.
	<i>Meia lua de compasso - meia lua presa - rabo de arraia.</i>
M24	Giro de 360° com elevação da perna esquerda estendida e sem apoio das mãos no chão na fase intermediária do movimento. A/CT-CR.
	<i>Meia lua de compasso sem a mão - meia lua solta - meia lua solta alta - rabo de arraia - rabo de arraia sem as mãos - rabo de arraia solto.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M25	Giro de 360° com elevação da perna esquerda estendida e com apoio simultâneo das mãos no chão ao longo de todo o movimento. A/CT-CA.
	<i>Meia lua compasso - meia lua de compasso - meia lua de compasso baixa - meia lua de compasso de angola - meia lua de compasso lenta - rabo de arraia da angola - rabo de arraia de angola.</i>
M26	Flexão lateral do tronco para o lado direito com apoio sucessivo das mãos no solo e deslocamento sucessivo das pernas estendidas. D-CR.
	<i>Aú - aú aberto.</i>
M27	Flexão lateral do tronco para o lado direito com apoio sucessivo das mãos no solo e deslocamento sucessivo das pernas com os joelhos semiflexionados. D-CA.
	<i>Aú baixo - aú de Benguela - aú curto - aú da angola - aú de angola - aú encolhido - aú com perna encolhida - aú fechado.</i>
M28	Projeção da perna esquerda com giro de 90° do tronco para a direita, flexão do joelho e flexão plantar. A-CR.
	<i>Gancho.</i>
M29	Deslocamento e flexão lateral do tronco para direita com apoio da mão esquerda no solo à direita do corpo estendendo e projetando a perna direita realizando um semicírculo. A/CT-CR.
	<i>Aú com mão inversa - aú com uma mão - au de uma mão - chibata - compasso.</i>
M30	Projeção e flexão do tronco para a direita com apoio sucessivo das mãos direita e esquerda e giro completo da perna esquerda com elevação enquanto a direita gira em seu próprio eixo. A/CT-CA/CR.
	<i>Chapéu de couro.</i>
M31	Giro de 360° do corpo para a esquerda e projeção da perna esquerda com extensão do joelho e borda medial do pé voltada para baixo. A/CT- CR.
	<i>Chapa giratória - chapeado - esporão - pisão rodado.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M32	Giro de 360° saltando para a direita com projeção da perna esquerda realizando um semicírculo estendendo o joelho e borda medial do pé voltada para baixo. A/CT-CR.
	<i>Armada com martelo - armada parafuso - armada saindo de martelo - armada solta - martelo cruzado - martelo rodado.</i>
M33	Giro de 360° saltando para a esquerda com projeção da perna esquerda estendida e o pé voltado para cima. A/CT-CR.
	<i>Armada com martelo - armada parafuso - armada saindo de martelo - armada solta - martelo cruzado - martelo rodado.</i>
M34	Salto para a direita flexionando totalmente o tronco para a lateral lançando as pernas estendidas sucessivas realizando um círculo de 360°, sem o apoio das mãos. D-CR.
	<i>Aú de cabeça - aú sem as mãos - aú sem mão.</i>
M35	Agachamento e apoio sucessivo das mãos esquerda e direita atrás do corpo respectivamente com hiperextensão do tronco com lançamento das pernas esquerda e direita sucessivamente. A/CT- CA/CR.
	<i>Macaco - macaquinho.</i>
M36	Hiperextensão do quadril e do tronco e semiflexão dos joelhos apoiando as duas mãos simultaneamente para trás no solo. D-CA/CR.
	<i>Descida na ponte - descida na ponte terminando na ginga - descida ponte - ponte.</i>
M37	Projeção das mãos voltadas para frente com apoio simultâneo ao solo e projeção alternada das pernas direita e esquerda com semiflexão dos joelhos mantendo os calcanhares voltados à frente. A/CT-CR.
	<i>Bananeira com troca de perna - bananeira trocando perna - bote pra trás - escorpião - escorpião alto - escorpião de frente.</i>
M38	Apoio à frente das mãos ao solo, hiperestendendo o quadril, flexionando a perna direita e projetando o calcanhar. A/CT-CA.
	<i>Escorpião - escorpião baixo - escorpião de lado - queda de rim com escorpião.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M39	Apoio da mão esquerda ao solo à esquerda do corpo, flexionando o tronco e lançando a perna direita estendida até o pé chegar ao lado da orelha direita. A perna esquerda sairá do solo, ficando o corpo apenas apoiado com a mão. A/CT-CR.
	<i>Amazonas - aú amazonas - aú martelo.</i>
M40	Deslocamento lateral do tronco para a direita com apoio simultâneo das mãos ao solo lançando as duas pernas estendidas até a posição vertical e nesse momento projeção rápida da perna esquerda. A/CT-CA/CR.
	<i>Aú atacando - aú batido - aú chibata - aú com balanço - aú com chibata - aú com martelo.</i>
M41	Deslocamento lateral do corpo para a direita apoiando das duas mãos simultaneamente ao solo projetando as duas pernas estendendo-as no plano horizontal com os pés apontados para baixo. A/CT-CA/CR.
	<i>Aú batido com dois pés - aú coice - aú com chapa dupla - aú de coice - aú encaixado - aú agrupado com chapa.</i>
M42	Extensão da perna direita no plano horizontal com o calcanhar voltado para baixo e com as duas mãos apoiadas ao solo atrás do corpo na posição de agachado e pernas flexionadas. A-CA.
	<i>Bênção de angola - bênção de chão - bênção de chão (angola) - bênção (jogo de angola) - bênção quatro apoios - chapa de frente da queda de quatro - chapa frente - pisão chão - ponteira da angola - ponteira de chão.</i>
M43	Com as duas mãos apoiadas ao solo atrás do corpo na posição agachada e pernas flexionadas girar 90° para a esquerda e extensão da perna esquerda com o calcanhar voltado pra cima. A/CT-CA.
	<i>Bênção de costas - chapa amarrada - chapa costas - chapa de costa (angola) - chapa de costas - coice (jogo de angola) - pisão chão invertido - pisão rodado de chão.</i>
M44	Com as duas mãos apoiadas ao solo atrás do corpo na posição agachado e pernas flexionadas e extensão do joelho esquerdo realizando com a perna esquerda um semicírculo da esquerda para direita com elevação. A-CA.
	<i>Meia lua chão - meia lua da angola - meia lua de chão - meia lua de dentro - meia lua de frente da queda de quatro - meia lua de frente de chão (angola) - meia lua de frente na queda de quatro - meia lua no jogo de angola.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M45	Com as duas mãos apoiadas ao solo atrás do corpo na posição agachado e pernas flexionadas e extensão do joelho esquerdo realizando com a perna esquerda um semicírculo da direita para esquerda, com elevação. A-CA.
	<i>Leque - meia lua de chão para fora - meia lua de fora - meia lua de fora da angola - meia lua fora chão - meia lua pra fora - meia lua pra fora (angola) - meia lua pra fora jogo de angola - queixada de angola - queixada de chão.</i>
M46	Deslocamento lateral do tronco para a esquerda apoiando a mão esquerda atrás do corpo e a direita à frente protegendo a cabeça, ambas com os cotovelos flexionados e perna esquerda estendida à frente com a borda externa do pé encostada ao solo. A/CT-CA/CR.
	<i>Negativa - negativa da regional - negativa de angola - negativa frente - quebra de rins negativa - vingativa.</i>
M47	Deslocamento lateral do tronco para a esquerda apoiando a mão esquerda atrás do corpo e a direita à frente protegendo a cabeça, ambas com os cotovelos flexionados, perna direita estendida e a esquerda flexionada D-CA/CR.
	<i>Encaixe rasteira - esquiva de chão - esquiva de chão baixa - negativa de angola - negativa de angola lateral - queda de rins.</i>
M48	Agachamento e apoio sucessivo das mãos esquerda e direita atrás do corpo respectivamente com hiperextensão do tronco e apoiado no beco esquerdo com lançamento das pernas esquerda e direita sucessivamente D-CA/CR.
	<i>Aú com queda de rins - carneirinho - macaco chão - macaco de angola - macaco de chão de angola - macaquinho de angola - quebra de rins.</i>
M49	Salto para trás com hiperextensão do tronco estendendo os braços para cima da cabeça e as apoiando no solo em seguida e pernas estendidas até tocar o solo novamente. A/CT- CR.
	<i>Flic-flac - flick - xangô.</i>
M50	Hiperextensão do tronco com apoio das mãos sucessivamente da esquerda e direita ao solo atrás do corpo e lançamento da perna esquerda e direita estendidas sucessivamente sobre o corpo. A/CT- CR.
	<i>Aú reverso - macaco corrido - macaco em pé - macaco paulista - roda gigante.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M51	Giro de 360° projetando o tronco e a perna esquerda arrastando o pé no solo fazendo um círculo e apoio das mãos direita e esquerda, respectivamente. A/CT-CA/CR
	<i>Rasteira - rasteira baixa - rasteira de frente - rasteira de frente com mão no chão - rasteira de frente com rolê - rasteira de frente com saída pra trás - rasteira frente.</i>
M52	Giro de 90° do tronco para a direita e projeção da perna esquerda arrastando o pé realizando um semicírculo de 90°. A/CT-CA/CR.
	<i>Banda - banda de frente - rapa - rasteira - rasteira alta - rasteira de frente - rasteira em pé.</i>
M53	Giro de 360° para a esquerda com projeção e flexão do tronco projetando a perna esquerda arrastando pé no solo em círculo e apoio das mãos simultaneamente. A/CT-CA/CR.
	<i>Rasteira de costa - rasteira de costas - rasteira de trás.</i>
M54	Projeção da perna direita com semiflexão do joelho e projeção do braço e mão esquerda com a palma voltada para dentro estendendo o cotovelo. A-CR.
	<i>Galopante - surdão - chapão.</i>
M55	Projeção da perna esquerda com semiflexão do joelho e projeção do braço e mão esquerda fechada com o dorso voltado para fora estendendo o cotovelo. A-CR.
	<i>Desprezo - godeme - tapa luva.</i>
M56	Projeção da perna direita com semiflexão do joelho e projeção do braço e mão esquerda fechada estendendo o cotovelo. A-CR.
	<i>Asfixiante - dedada - soco - soco (regional).</i>
M57	Projeção da perna direita com semiflexão do joelho e projeção do braço e mão esquerda com o segundo e terceiro dedos separados e estendidos. A-CR.
	<i>Dedada - dedilha - dedo no olho - fura olho.</i>
M58	Projeção das duas pernas afastadas e semiflexionadas e projeção dos dois braços à altura do queixo cruzado e apoiando os dois punhos um no outro. D-CR.
	<i>Bloqueio cruzado - defesa na cadeira - guilhotina.</i>

(continua)

(continuação)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M59	Projeção da perna direita com os joelhos semiflexionados e projeção do braço esquerdo com uso sucessivo das bordas internas da mão flexionando e estendendo sucessivamente os cotovelos. A-CR.
	<i>Cutelada - cutila - faca da mão para os dois lados.</i>
M60	Giro de 360° para a direita com apoio sucessivo das mãos direita e esquerda no solo e pernas com elevação total sem-flexionadas. D-CA/CR.
	<i>Giratória - pião de mão.</i>
M61	Giro de 360° para a direita com a cabeça apoiada no solo e mãos no início do impulso e pernas semiflexionadas. D-CA/CR.
	<i>Pião de cabeça.</i>
M62	Desequilíbrio para trás flexionando os braços e apoiando as duas mãos na altura do ombro no solo elevando as duas pernas estendidas para trás estendendo depois os braços e projetando as pernas e estendendo os braços até as mãos perderem o contato com o solo e os pés tocarem novamente o solo. A/CT-CR.
	<i>Flick de mola - mola - molinha.</i>
M63	Agachamento com projeção e apoio ao solo das mãos e cabeça com as pernas flexionadas estendendo depois os braços e projetando as pernas estendidas e hiperextensão do tronco perdendo o contato do solo das mãos e cabeça simultaneamente. A/CT-CR.
	<i>Aú de cabeça com mola - aú de cabeça saída de ponte - flick de mola de cabeça - mola com variação - mola de cabeça - molinha de cabeça - quip de cabeça - quique.</i>
M64	Flexão lateral do tronco para a direita apoiando as duas mãos sucessivamente ao solo e elevando as duas pernas estendidas e paralelas. D-CA/CR.
	<i>Aú equilíbrio - aú parado - bananeira - parada de mão.</i>
M65	Projeção das mãos sucessivamente ao solo com hiperextensão do tronco elevando as pernas estendidas realizando um círculo de 360°. A/CT-CR.
	<i>Aú com saída de mão - aú compasso - au de coluna - aú de compasso - aú de frente - aú rolê - aú virado - compasso.</i>

(continua)

(conclusão)

movimento	descrição / termos registrados no <i>corpus</i>
M66	Projeção, flexão e extensão da perna esquerda com o pé voltado para o lado na altura do joelho. A-CA/CR.
	<i>Escorpião - pisão - pisão baixo - pisão de frente - quebra joelho.</i>
M67	Projeção da perna esquerda em semiflexão com projeção dos dois braços à altura da cabeça e palma das mãos voltada para dentro simultaneamente. A-CR.
	<i>Surdão com as duas mãos - telefone.</i>
M68	Giro de 360° para a direita com o corpo paralelo ao solo com apoio sucessivo das mãos direita e esquerda, flexão da perna direita e extensão da esquerda. A/CT-CA.
	<i>Reloginho - relógio.</i>
M69	Projeção das duas pernas simultaneamente afastadas, arrastando os pés no solo com o tronco de lado paralelo ao solo e apoio das duas mãos sucessivas com a esquerda à frente do corpo e a direita atrás. A/CT-CA.
	<i>Aú de angola - entrada tesoura - tesoura - tesoura de angola - tesoura de chão - tesoura de costas.</i>
M70	Projeção da perna esquerda semiflexionada e projeção do tronco e cabeça, ficando o tronco paralelo ao solo e braços no prolongamento do corpo. A-CA.
	<i>Cabeçada - cabeçada frontal.</i>

Recebido em: 13/01/14

Aprovado em: 07/06/14